

Bordejando fronteiras

Encircling frontiers

Luiz Signates comenta o artigo de **Ciro Marcondes Filho**

Luiz Signates

<https://orcid.org/0000-0001-9348-9295>
signates@gmail.com

Professor Associado dos PPGs em Comunicação da Universidade Federal de Goiás e em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Leciona nos Cursos de Jornalismo de ambas as instituições. Doutor em Ciências da Comunicação (USP), Mestre em Comunicação (UnB), Especialista em Políticas Públicas (UFG) e graduado em Jornalismo (UFG). Fundador e membro das Academias de Letras de Goiânia e de Aparecida de Goiânia. Proprietário do Instituto Signates de Pesquisa. Lidera o Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Cidadania e Política (UFG) e o Grupo de Pesquisas Interdisciplinares sobre o Espiritualismo Brasileiro e Internacional (PUC-Goiás). Autor dos livros: “A sombra e o avesso da lua: Habermas e a comunicação social” (2006); “Cidadania comunicacional: teoria, epistemologia e pesquisa” (2016); “Política no feminino? A imagem da mulher candidata nas eleições municipais de Goiânia” (2010).

<http://lattes.cnpq.br/0464596762919932>

O texto do professor **Ciro Marcondes Filho** é uma reflexão extremamente atual, na qual vincula, de forma percuciente, os caminhos teóricos da ciência da comunicação e seu vertiginoso processo de envelhecimento, em face das novas realidades comunicacionais do mundo.

*

O argumento central do texto é que o fenômeno da comunicação mudou, mas as teorias da comunicação não, razão pela qual a área se perde na busca por um objeto cada vez mais fugidivo e desafiante.

A partir desse mote central, **Marcondes Filho** reparte o texto em duas detalhadas partes: a primeira, um rápido histórico das principais disponibilidades teóricas construídas ao longo do século 20 e que, de modo direto ou

indireto, contribuíram para o pensamento comunicacional da área, e outra, um minucioso histórico das recentes experiências eleitorais do mundo, nas quais a incidência do uso de *fake news* em redes sociais da internet foi decisiva para a produção dos resultados de poder (Trump, Brexit e Bolsonaro).

Na primeira parte, o texto já identifica criticamente algumas marcas da incompletude teórica que culminará nos questionamentos finais. Nas contraposições entre as abordagens da *communication research* norte-americana e os pensadores críticos germânicos Ernst Bloch e Wilhelm Reich (este ucraniano, mas educado segundo a cultura alemã), **Marcondes Filho** revela a noção do “desejo” das massas como variável ausente na primeira vertente, evocando aproximações com a visão psicanalítica de Deleuze e Guattari, de identificação do investimento libidinal: “[...] se quer e se faz revolução por desejo, não por dever”.

Em seguida, **Marcondes Filho** evidencia os limites das até hoje festejadas abordagens da primeira geração da Escola de Frankfurt, bem como de seus contrapontos “funcionalistas”, desde Lazarsfeld até McLuhan. O texto, então, refere-se às percepções fragmentadas do fenômeno da comunicação por ambas as correntes teóricas – as quais nem sempre ou quase nunca tiveram a comunicação como um objeto científico relevante. Nessa cunha teórica, **Marcondes Filho** introduz uma vertente que lhe tem sido cara – a das teorias cibernéticas de sistema, numa perspectiva ainda muito relevante para o debate teórico na nossa área: a da inconsistência dos modelos transmissionistas, percebida tanto pela teoria de sistemas de Luhmann e Von Foester (as mensagens nada portam, nem as coisas se comunicam) quanto pela Escola de Palo Alto (“o invisível ou aquilo que não é codificado como signo desempenha maior papel do que o que é falado”).

Trata-se da constatação da racionalidade metafísica inserida na metáfora transmissionista das ciências da

informação. Quem diria! A mais materialista das teorias, que fundamentou a matemática informacional e viabilizou todas as tecnologias de comunicação que revolucionam o mundo contemporâneo, é apresentada como a mais metafísica delas... A “materialidade” inscrita na comunicabilidade humana aparenta extrapolar todas as materialidades das coisas, exigindo uma teoria da comunicação que dê conta de suas complexidades e improbabilidades...

Neste ponto, o texto parece mudar abruptamente de assunto. Contando com uma brevíssima mediação de Benjamin, de um único parágrafo, Marcondes Filho lança o mote para historiar o fenômeno comunicacional trágico da história recente no mundo democrático: *Por que motivo as massas optam por sua própria destruição?*

Refere-se ele ao enorme e hoje indisfarçável fenômeno de *fake news* (em certo momento no texto ele parece rejeitar esse termo, por atribuí-lo ao âmbito estreito do jornalismo, e não da comunicação) ou de *dark post*, isto é, as estratégias de guerra híbrida movimentadas pela Cambridge Analytics, a partir de táticas de *microtargeting*, para influir nas eleições de Trump, no plebiscito que retirou a Grã-Bretanha da União Europeia e na vitória de Jair Bolsonaro no Brasil.

A denúncia de Marcondes Filho merece ser reiterada:

Esse lastro de irracionalidade, incompatível com o exercício da cidadania e o respeito ao próximo, passa, então, a ser objeto da política. Ela altera as bases do consenso e promove, a seu favor, valores do arbítrio e da violência, ao arrepiar de uma civilidade historicamente construída [...] Impossível de pensar em comunicação num contexto de fechamento como este.

Então, o autor introduz dois indicadores para a compreensão desse fenômeno, sob a forma de metáforas: o tempo, indicando a efemeridade da sustentação das notícias falsas, um conhecimento que não é novo; e a atmosfera, uma espécie de espírito do tempo, tecnologicamente produzido, com capacidade de sustentar uma emocionalidade compartilhada, de caráter social e/ou religioso, pela qual as fantasias circulam na forma do desejo e do medo. Tais variantes, adicionadas ao conhecido descompromisso que as massas têm em relação ao ato de votar, formariam o contexto dentro do qual os processos de manipulação engendraram seu sucesso.

*

Para Marcondes Filho, essa realidade vertiginosa, que culminou, nos últimos anos, em transformações significativas no sistema de poder de países-chave do mundo contemporâneo, abre lacunas relevantes nas teorias de comunicação – razão pela qual é forçoso reescrevê-las.

O que, afinal, as teorias da comunicação deixaram de perceber? Segundo o autor, elas:

- Não consideraram o fenômeno da comunicação (descrito conforme os termos da Nova Teoria, como processo simbólico que leva à transformação), nem a força conservadora do fluxo de informações não dissonantes.
- Não deram peso ao fator “atmosfera”, uma “repressão invisível, vinda de pesadas nuvens sobre nossas cabeças, que nos tornam temerosos e inoperantes” e que operam eficazmente a “fabricação de massas coesas, emocionalmente energizadas e violentas”.
- A importância dos clichês maniqueístas, distribuídos em massa para grupos específicos de decisão política.
- A questão dos desejos e conteúdos (e os estudos de comunicação e psicanálise?). Os processos de identificação “por baixo” das massas incultas de trabalhadores com líderes escrotos.
- O déficit de racionalidade argumentativa inscrito nos processos eleitorais.

Por fim, destaca a vantagem epistemológica da ciência da comunicação, indiretamente remetendo a um elemento relevante da Nova Teoria: a disponibilidade para a pesquisa do tempo durante – articulação metodológica que impediria o envelhecimento das teorias, ao mantê-las em contínuo processo de renovação e atualização.

*

Trata-se de um texto denso e atual, no que desafia seu relator a interpor perguntas, de cuja pertinência ele próprio duvida... Algumas questões, assim, talvez contribuam para um debate profícuo a partir das questões e espantos revelados pelo Prof. Marcondes Filho nesse texto.

- A questão dos pressupostos metafísicos inscritos nos olhares da comunicação parece-me epistemologicamente relevante. Parece, às vezes, impossível libertar-se de alguma metafísica, quando descobrimos que até as ciências da informação as possuem – no caso, o transmissionismo. A que alternativa nos leva, no debate comunicacional, o vetor pós-metafísico? Ou, em outras palavras, qual é a efetiva materialidade inscrita na pesquisa comunicacional, que não torne o fenômeno epistemologicamente dependente de pressupostos metafísicos?
- Não ousa discordar da interpretação negativa dos eventos eleitorais descritos no texto. Mas, evidentemente, o faço como cidadão. O pesquisador de comunicação, interessado nas condições de saber inscritas na Nova Teoria, que tenha assimilado a definição de comunicação como transformação, talvez se surpreenda com uma abordagem negativa de todo

um processo midiático que culmine em conversões políticas em massa – ainda que anticivilizacionais. Ou, como afirma Marcondes Filho, “impossível pensar em comunicação num contexto de fechamento como este”. Há, na Nova Teoria, uma categoria ética para definir a alteridade como apenas um certo tipo de transformação do outro?

- Qual seria a efetiva novidade no questionamento de um processo de manipulação midiática que deu certo? Ou não seria o caso de recuperarmos algo da vasta tradição marxista da sociologia do cotidiano de Agnes Heller e Henri Lefebvre, com aplicação à comunicação, a fim de entretecermos, se não a disjunção entre transformações emancipatórias ou transformações massificadoras, ao menos os modos como reorganizar a crítica da ritualização do banal, da presença do Estado como cotidianidade, como rotina privada, como tédio, como mediocrização do tempo, como burocratização da vida a serviço de um poder que pervadiria todos os refolhos das existências mediocres? Ou, no dizer de Marcondes Filho, o gozo das massas em sua própria autodestruição?
- Há, além disso, dúvidas possíveis, relativas às suposições do autor em face das limitações das teorizações disponíveis, que à primeira vista não parecem ser questionamentos tão originais assim e que, por isso, podem inspirar debates talvez interessantes:
 - ◆ Afirma o autor que as teorias não consideraram a “força conservadora do fluxo de informações não dissonantes”. Como pensar modelos como a “espiral do silêncio”, de Noelle Neumann? Não seria esta uma hipótese nessa direção? Não seria também esse modelo algo próximo ao conceito de “atmosfera”?
 - ◆ Diz igualmente o texto que as teorias não consideraram a questão dos desejos. Não é por essa direção que sempre foram os estudos de comunicação e psicanálise? Mesmo que variados, parece que o campo da comunicação já exercita há tempos um diálogo com as pulsões libidinais, como fator preponderante nos ritos comunicacionais de massa. Quais novidades não abordadas do fenô-

meno escaparam das visadas da crítica psicanalítica da comunicação?

- ◆ De forma semelhante, poderíamos questionar a pretendida ausência dos processos de “identificação por baixo” pelas massas incultas de trabalhadores. A problemática da identificação entre comunicação e classes proletárias tem relevante tradição, nos estudos de recepção de inspiração marxista, especialmente os decorrentes dos Cultural Studies ingleses. Seria consistente efetuar a mesma crítica a essa vertente dos estudos comunicacionais?
- ◆ E, por fim, o suposto dos déficits de racionalidade argumentativa inscritos nos processos eleitorais. Não me parece que o campo de comunicação e política, ao se debruçar sobre os dispositivos eleitorais, ainda interprete tais processos a partir de algum pressuposto de decisão racional. E essa tem sido a crítica das correlações entre decisão política e decisão de consumo, ou entre *marketing* político e *marketing* comercial, nesse campo. Quais aspectos da abordagem do comunicacional sensível têm de fato estado ausentes dos estudos de comunicação e política?

Percebe-se, pois, como o texto do Prof. Ciro Marcondes Filho é instigante, ao tocar nas bordas do pensamento comunicacional disponível. De todo modo, parece ser bastante verdadeiro que as diferentes abordagens teóricas criticadas e mesmo as que menciono neste relato tenderam sempre a abordar aspectos – ou “fragmentos”, como diz o autor – do fenômeno comunicacional, sendo inquestionável, por isso, que todas elas percam o fenômeno em sua inteireza. Isto é, carecemos de uma teoria geral da comunicação, que sirva de base para compreendermos a matriz do que move o mundo inteiro nos dias atuais. Entretanto, ainda que de modo efêmero, mesmo que no formato de um conhecimento sempre em construção, eternamente presentificado pela “razão durante”, essa busca não deixa de soar como alguma nostalgia por uma nova metanarrativa, daquele tipo que os pós-modernos há muito dizem não ser mais possível...